

***YOU SAY YOU WANT A REVOLUTION***  
**MARIONETAS EM RESISTÊNCIA**  
**NO FIMFA LX24**  
**CATARINA FIRMO**



# FIMFA LX24

FESTIVAL INTERNACIONAL  
DE MARIONETAS E  
FORMAS ANIMADAS  
9 DE MAIO A 2 DE JUNHO  
DE 2024

## CATARINA FIRMO

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 3  
NOVEMBRO DE 2024

*come celebrate with me  
that everyday  
something has tried to kill me  
and has failed*  
Lucille Clifton

A um ano de festejar um quarto de século e assinalando os 50 anos da Revolução dos Cravos, o FIMFA Lx24 trouxe o convite para dissipar as nuvens do medo, lembrando uma canção de Nina Simone: “I’ll tell you what freedom is to me: no fear”. Foi com esta frase em mente que Luís Vieira e Rute Ribeiro transformaram Lisboa durante vinte e cinco dias para acolher vinte e três criações, onde as marionetas lançaram novos olhares sobre o mundo. Perante o contexto de turbulência mundial, o FIMFA ousou um manifesto contra o medo. Marionetas para resistir e contrariar a realidade, ampliando as possibilidades de sonhar fora da caixa. As formas animadas foram mais uma vez um desafio para revitalizar os sentidos e o imaginário, ecoando lugares que reclamam a liberdade e a diversidade.

## LA (NOUVELLE) RONDE

**CONCEÇÃO E ENCENAÇÃO:** Johanny Bert

**TEXTO:** Encomenda feita a Yann Verburgh (exceção da cena 6 – entrevistas escritas pela equipa) **DRAMATURGIA:** Olivia Burton

**COLABORAÇÃO NA ENCENAÇÃO:** Philippe Rodriguez Jorda

**INTERPRETAÇÃO:** Yasmine Berthoin, Yohann-Hicham Boutahar, Rose Chaussavoine, George Cizeron, Enzo Dorr, Elise Martin

**CRIAÇÃO MUSICAL E INTERPRETAÇÃO EM CENA:** Fanny Lasfargues

**CENOGRAFIA:** Amandine Livet, Aurélie Thomas

**CONSTRUÇÃO DA CENOGRAFIA:** Atelier du Théâtre de la Cité, Fabrice Coudert

**FIGURINOS:** Pétronille Salomé, assistida por Manon Gesbert, Adèle Giard e pelos estagiários Manon Damez, Pauline Fleuret, Valentine Lê du TNS,

Alice Louveau **MARIONETAS:** Laurent Huet, Johanny Bert, assistidos por Camille d'Alençon, Romain Duverne, Judith Dubois, Pierre Paul Jayne,

Alexandra Leseur, Ivan Terpigorev, Benedicte Fey, Doriane Ayxandri, Franck Rarog e pelos estagiários Louise Bouley, Solène Hervé, Valentine Lê du TNS

**DESENHO DE LUZ:** Gilles Richard **DESENHO DE SOM:** Tom Beauseigneur

**DIREÇÃO TÉCNICA:** Camille Davy **DIREÇÃO DE CENA:** Pascal Bouvier

## MAKE LOVE NOT WAR

*Don't you know when you're loving anybody, baby  
You're taking a gamble on a little sorrow  
But then who cares, baby  
'Cause we may not be here tomorrow.*  
Janis Joplin

Em francês, a expressão “la petite mort” significa orgasmo, associando dois conceitos que, na sua contradição, sempre tiveram destinos cruzados: o amor e a morte. “Je choisis mourir dans la jouissance”, declara uma mulher condenada à morte, no corredor de casais que percorrem o espetáculo *La (nouvelle) ronde*. O resgate da pulsão de vida no momento da morte marcará o desenlace da penúltima história e o começo da última: o encontro de duas personagens trans, onde as identidades homem e mulher são apenas traços mutantes de uma história de amor, celebrando a liberdade de corpos que abandonaram os clichés e as etiquetas, para viverem plenamente as suas vidas.

*La (nouvelle) ronde* inspira-se na obra *La ronde*, de Arthur Schnitzler, peça censurada em 1897. É a última criação da trilogia *Amour(s)*, precedida de *Hen* (programada no FIMFA Lx22) e de *Processus*. As dez marionetas concebidas pelo artista plástico Laurent Huet, inspiradas na estética de Jenny Saville e Lucien Freud, são manipuladas por seis intérpretes. Representam a diversidade de corpos, problematizando a complexidade das relações amorosas. A representação dos encontros amorosos e sexuais com o recurso a marionetas permite que a crueza e a dimensão poética coabitem, deslocando a reflexão sobre a pluralidade dos corpos íntimos e políticos para novos lugares.

As marionetas surgem como corpos híbridos, desprendidas dos limites do corpo humano; recorrentemente, os corpos parecem flutuar num gesto de suspensão, representando o ato sexual em pleno voo.

O recurso a marionetas hiper-realistas é articulado com uma diversidade de formas e metamorfoses do corpo e da matéria numa expansão do imaginário e da fantasia: um clitóris gigante em peluche, um pénis em latex interminável que se transforma em corda e depois em helicóptero, uma marioneta centauro poliamorosa, um *robot* sexual representado por um ator.

“A beleza é reacionária. Olha o mundo à tua volta a enriquecer psicólogos e professores de yoga”, afirma Maya, primeira personagem a pisar o tapete rolante de *La (nouvelle) ronde*. Cansada de esperar o momento mágico para perder a virgindade, recorre a uma escova de cabelo e espera junto à sua *scooter* o primeiro que passa. Por ironia do destino, os dois primeiros amantes de Maya estão em busca de uma nova identidade e em rutura com os estereótipos da masculinidade viril.

A psicanalista Anne Dufourmantelle refere-se ao imaginário dos sonhos e da fantasia como possibilidade de aceder a “uma nova gramática das relações humanas, o desaparecimento da adequação entre sexo e género e também a possibilidade de pensar uma modificação radical dos nossos vínculos com os objetos e portanto com o desejo, a memória, o futuro e tudo aquilo que se guarda e se apaga” (Dufourmantelle, 2024: 151). O teatro de marionetas é um lugar privilegiado para problematizar as relações de afeto, repensar os padrões recorrentes entre desejo e poder, expandindo as possibilidades de expressão dos corpos, as suas pluralidades e capacidades de transformação.

bell hooks (2024) lembra que criticar o pensamento sexista (e aqui vale a pena acrescentar que sexismo é também transfobia e homofobia) passa por criar novas imagens para encarar os corpos na sua diversidade e nutrir relações de afeto que rompam com a cultura de dominação. Em *La (nouvelle) ronde*, corpos mutantes, oníricos e fantasmagóricos celebram a sua autenticidade.

## WAR MAKER

**ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO:** Husam Abed

**DRAMATURGIA:** Marek Turošik **DIRETOR DE ARTE:** Astrid Mendez

**CENOGRAFIA:** Katarina Cakova, Astrid Mendez

**COREOGRAFIA:** Ryuji Yamaguchi **DESENHO DE SOM E LUZ:** Matej Vejdelek

**FILME & EDIÇÃO:** Reka Deak, Dmitri Berzon

**INTÉRPRETE E ASSISTÊNCIA EM PALCO:** Matej Vejdelek

**FOTOGRAFIAS:** Martin Spelda, Irina Vodakova

**AGRADECIMENTOS:** Kristýna Břeská **APOIOS:** Arab Fund for Art and Culture (AFAC/Beirut), Atelier Libusin, Capital City of Prague, Ministry of Culture of the Czech Republic, State Fund for Culture of the Czech Republic, City District of Prague 7 – Art District, Alfred ve Dvore, Moment Maribor





*Dreamers don't abandon  
their dreams, they flare and continue  
the life they have in the dream... tell me  
how you lived your dream in a certain place  
and I'll tell you who you are.*

Mahmoud Darwish, "Now, as you awaken"

Pode a capacidade de sonhar ser um ato de resistência perante a guerra? No espetáculo *War maker*, Husam Abed ousa vários gestos de coragem, incluindo trazer a poesia de Mahmoud Darwish para um palco de encruzilhadas entre sonhos e guerra. O espetáculo é inspirado na história verídica de Karim Shasheen, um artista visual palestino que durante onze anos vivencia três guerras diferentes: Guerra Irão-Iraque (1980-1988), Guerra do Golfo (1990), Guerra Civil da Jugoslávia (1991). Husam e Karim conheceram-se no Campo de Refugiados de Yarmuk, em Damasco. Husam recorda que Karim acordava a meio da noite na casa que partilhavam repetindo a frase "I'm a war maker". Inicialmente pensou que fosse um caso de um guerrilheiro com um trauma de guerra, até conhecer a sua história singular. Em todos os lugares por onde Karim passava, acabava por deflagrar uma guerra, levando-o a interrogar-se se seria ele próprio o motor desse ciclo; se a guerra o acompanhava a cada passo do seu exílio contínuo, seria ele um fazedor de guerras?

Husam Abed traz uma pergunta com várias possibilidades de resposta, que são, no fundo, novas perguntas geradas: "O que define os nossos caminhos de vida? Os nossos papéis e documentos? As nossas origens? As nossas relações afetivas e familiares? As nossas escolhas e decisões? Os nossos sonhos?" (Abed, 2022). E de que modo esses elementos se cruzam? Como podem os sonhos influenciar as identidades e como pode o nosso passado motivar o que sonhamos?

Grãos de arroz e pedras de sal são polvilhados numa bobina, revelando a potência do minúsculo como símbolo e reflexo inevitável do universal, na sua relação inexorável de causas e efeitos. São também os grãos de arroz que ressoam na memória do espetáculo *Smooth life*, que a companhia Dafa Puppet Theatre apresentou no FIMFA Lx16.

Cada objeto projetado é um fragmento poético na manipulação de Husam Abed, onde o foco no minúsculo permite desacelerar o ritmo para escutar com atenção devida as histórias que são contadas. Por sua vez, as histórias contadas são ainda um convite à escuta das matérias e àquilo que delas pode ressoar nas nossas subjetividades, na nossa capacidade de desvio do que achamos já conhecer: "The vulnerability of the objects can transmit its own memory and traces of time. Let's listen" (Abed, 2022: 2).

No conto *Zahir*, de Jorge Luís Borges, uma moeda de vinte centavos pode-se metamorfosear em tigre sagrado, em astrolábio e em inúmeras representações do universo e do divino. Em árabe, *zahir* significa o que é notório, visível. A transmutação de uma moeda de vinte centavos em objeto sagrado é da mesma ordem de representação dos objetos poéticos e simbólicos manipulados por Husam Abed: grãos de arroz, pedras de sal, um fósforo, soldados em miniatura ou uma colher são os veículos de representação de corpos exilados, refugiados; objetos e materiais extraídos de malas de viagem que simbolizam os seus percursos de travessia.

# APNEIA

**INSPIRADO NUM TEXTO DE:** Jean Cagnard

**CONCEÇÃO, CONSTRUÇÃO DE MARIONETAS, ADEREÇOS E MANIPULAÇÃO:**

Catherine Brocard, Yoann Rousseau

**ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO:** Laure Boutaud

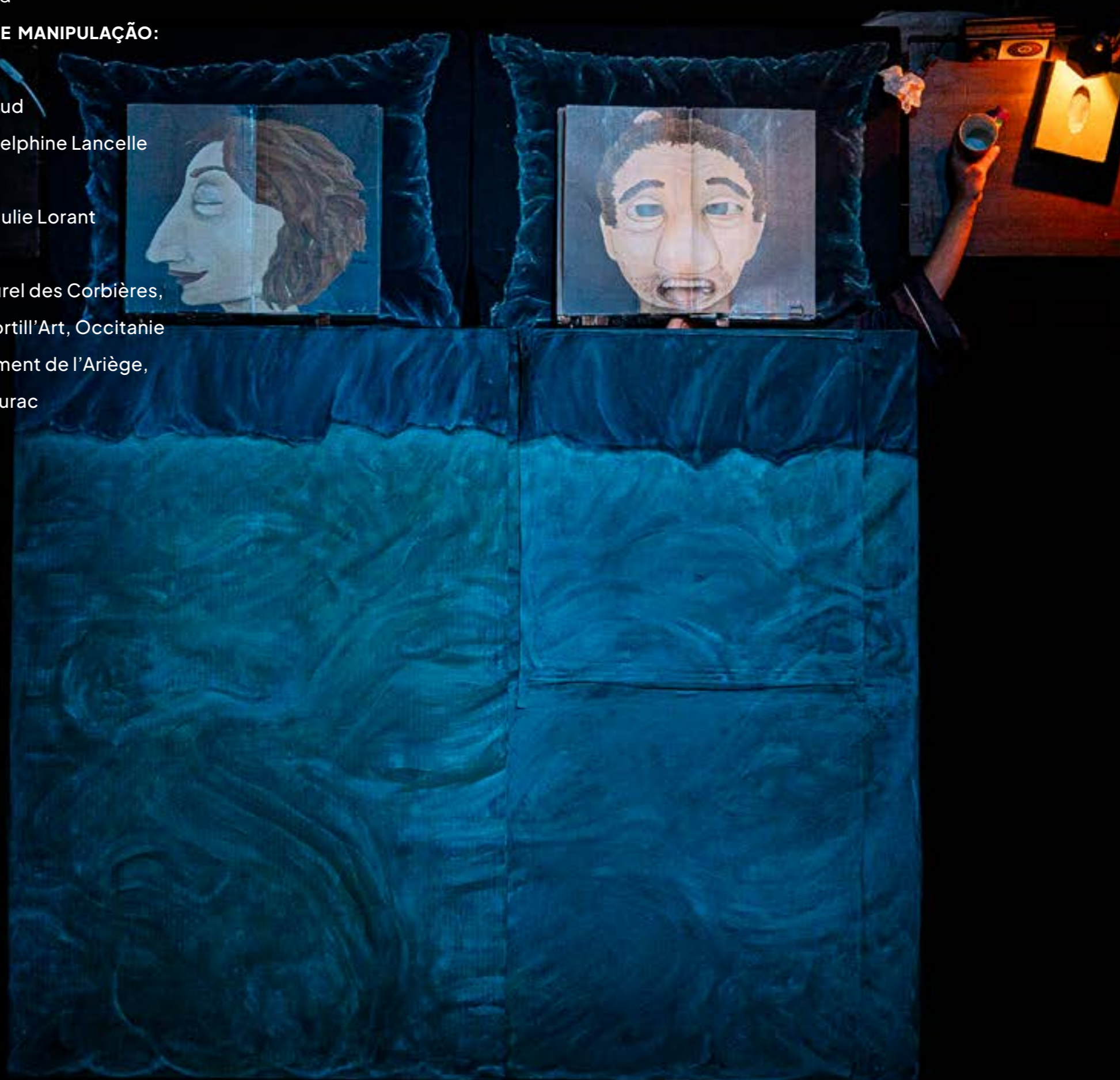
**OLHAR EXTERIOR:** Christelle Ferreira **CENOGRAFIA:** Delphine Lancelle

**DESENHO DE SOM:** Romaric Bories

**DESENHO DE LUZ E PRODUÇÃO:** Margot Falletty, Julie Lorant

**FOTOGRAFIAS:** Olivier Chassaing

**APOIOS:** MIMA, Odradek, Arlèsie, Odyssud, Espace Culturel des Corbières, Théâtre à la Coque, La Maison de l'Eau, L'Usinotopie, Le Tortill'Art, Occitanie em Scène, DRAC Occitanie, Région Occitanie, Département de l'Ariège, Commune de Limbrassac, Commune de Lieurac







APNEIA, [F] ALÍPIO PADILHA.

## MERGULHAR NOS SONHOS

*Viens, quitte tout et change de vie. L'envoyé n'est-t-il pas celui dont le message est une rupture et une annonce?  
S'il vient du même lieu que le rêve, n'est-ce pas qu'il porte en lui déjà la rupture avec le monde d'avant?*

Anne Dufourmantelle

A companhia Poisson Soluble trouxe ao FIMFA o espetáculo *Apneia*, uma criação que contou com a dramaturgia de Jean Cagnard, focada no universo dos sonhos, a partir do cotidiano de um casal. Neste projeto, a companhia deu continuidade ao espetáculo *Schlöf*, de 2021, onde duas personagens surgiam presas numa cama que flutuava como um barco. O gosto pelo tema do inconsciente refletiu-se aliás na escolha do nome da companhia, Poisson Soluble, aludindo a um conjunto de poemas de André Breton que acompanharam o *Manifesto do surrealismo* na sua primeira versão.

*Apneia* mostra como os sonhos podem ser resistentes e criar brechas no cotidiano, numa aventura marionética noturna passada numa cama vertical. Um livro pousado numa mesa de cabeceira com o título *A la recherche du truc perdu* revela o mote do espetáculo: alguma coisa se perdeu naquele quarto, onde um casal surge enrodilhado nos lençóis azul-marinho e numa rotina; durante a noite, os sonhos surgem como lugar de evasão e possibilidade de desejar pontos de fuga.

Duas revistas são folheadas com títulos que refletem o anseio de viagem: *Grand Large* e *Evasion*. Numa delas, há um artigo com conselhos para lutar contra a insónia e dicas para aprender a levitar. As páginas vão sendo viradas ao longo do espetáculo, num livro *castelet* de imagens em movimento. Revelam-se as personagens que ocupam a cama vertical, assim como os seus sonhos e as tensões que as atormentam durante o sono.

Paisagens marítimas recorrentes, animais e vegetação de uma savana intercalam-se com os carneiros que se enumeraram para vencer a insónia antes de adormecer. As tentativas de comunicação surgem a partir de legendas e balões de banda desenhada, com mensagens que os elementos do casal vão trocando entre si. Comunicar no mundo dos sonhos passa por repetir mensagens quotidianas banais, como perguntar o que é o jantar, mas também abrindo espaço ao inesperado e desafiar o outro para um duelo. Nas mensagens trocadas em letreiros, o casal oscila entre a cumplicidade e a desavença, num discurso imerso nos territórios do inconsciente e na associação livre de ideias; as frases surgem por vezes codificadas, rasuradas, em sopa de letras ou com palavras cruzadas por desvendar. Curiosamente, são esses territórios que parecem trazer clareza às paisagens mais turvas e o sono profundo e reparador poderá ser a chave da reconciliação.

De acordo com o conceito de intemporalidade teorizado por Freud (*zeitlos*), os sonhos são um tempo suspenso, onde se constroem elipses do eu, figuras de estilo intermediárias para que o movimento da consciência se transmute, sem se aperceber. Com *Apneia*, percebemos que os sonhos têm o poder de modificar a existência, quando conseguem romper com crenças cristalizadas.

## DURA DITA DURA

**TEXTO E CANÇÃO:** Regina Guimarães

**ENCENAÇÃO, CENOGRAFIA E MARIONETAS:** Igor Gandra

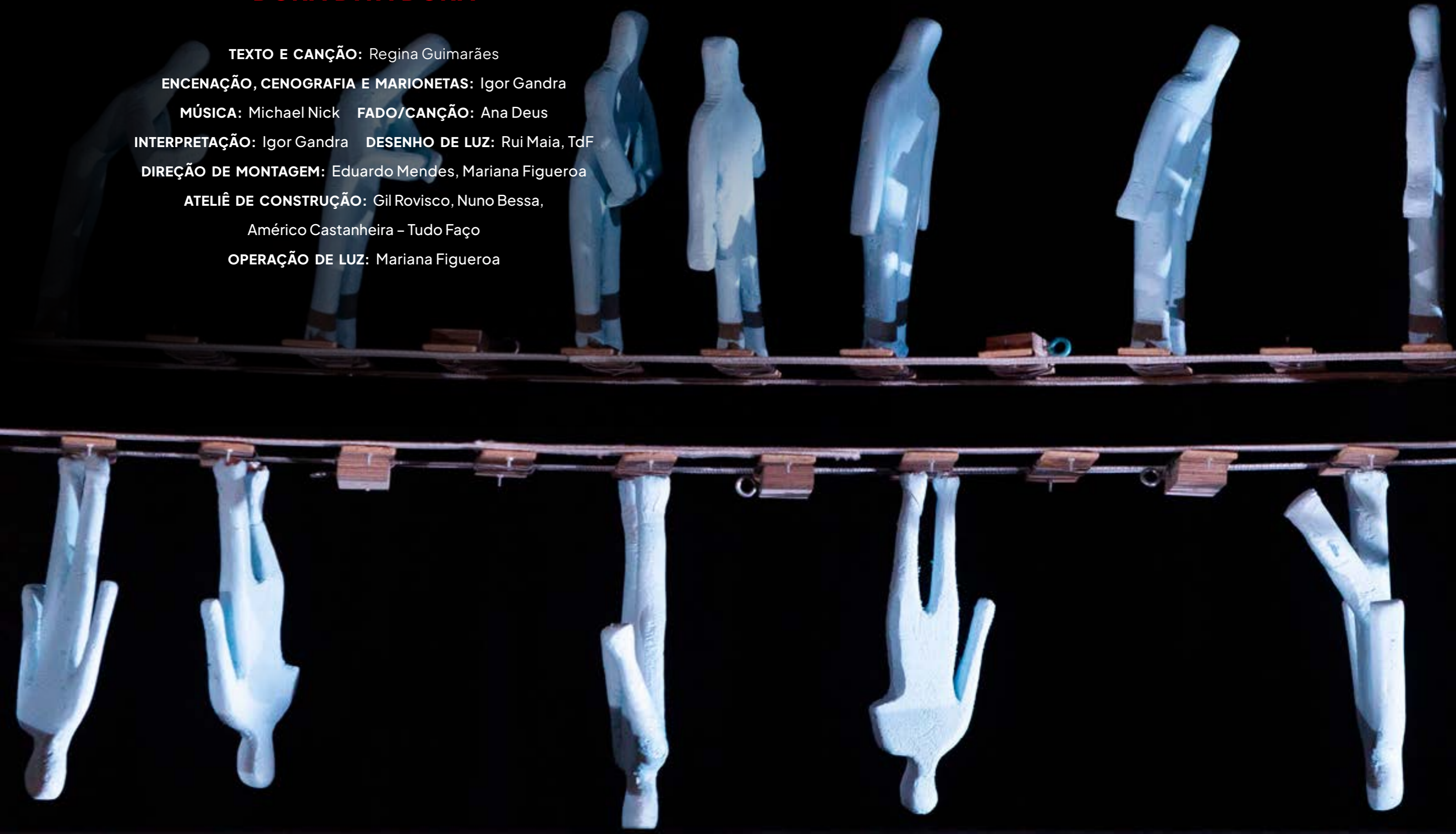
**MÚSICA:** Michael Nick **FADO/CANÇÃO:** Ana Deus

**INTERPRETAÇÃO:** Igor Gandra **DESENHO DE LUZ:** Rui Maia, TdF

**DIREÇÃO DE MONTAGEM:** Eduardo Mendes, Mariana Figueroa

**ATELIÊ DE CONSTRUÇÃO:** Gil Rovisco, Nuno Bessa,  
Américo Castanheira – Tudo Faço

**OPERAÇÃO DE LUZ:** Mariana Figueroa





DURA DITA DURA, [F] ALÍPIO PADILHA.

## QUANDO OS RAPAZES NÃO PODIAM CHORAR

*Medo. O mesmo medo que enruga a mais pura alegria, que gera cobras na cama dos amantes, que deita neve nos mais negros cabelos, que seca o leite no peito das mães... No meu país quem governa é o medo! Os olhos e os ouvidos do medo crescem e multiplicam-se por toda a parte.*

Bernardo Santareno

Estreado em 2009, na ocasião dos 35 anos do 25 de Abril, *Dura dita dura* do Teatro de Ferro regressou ao FIMFA 15 anos depois. Em 2007, dois anos antes da estreia, Salazar foi eleito o português do século XX, num programa de televisão, numa altura em que a memória da ditadura se começava a esbater nos discursos coletivos. Como resposta a esse efeito do tempo e com a preocupação de não deixar cair no esquecimento o passado traumático do fascismo, o espetáculo procurou recriar a atmosfera de terror do Estado Novo, sem floreios nem eufemismos.

O processo criativo partiu de uma instalação cenográfica que explorava o contraste entre zonas de luz e contraluz, num espaço vazio. Esse ponto de partida do espaço cénico foi ao encontro de uma frase de Regina Guimarães, autora do texto, que descreve Portugal na época do Estado Novo como um jardim sem cor.

Entre as diferentes matérias, objetos e marionetas manipuladas, há um conjunto de esculturas que representam figuras em imobilidade. Agregam-se a esculturas metálicas que representam troncos despidos, com dimensões idênticas ao conjunto de fios e sacos de perfusão que rodopiam suspensos. Em roldanas mecânicas, desfilam pequenas silhuetas que sucessivamente vão caindo num movimento de dominó, empurradas pelo conjunto que segue impassível o seu curso.

O efeito circular das matérias em movimento, o ambiente sonoro de cadência e o espaço sombrio articulam-se com a narração da história de Baltazar, um menino que vive num país cinzento, onde as paredes têm ouvidos e os rapazes não podem chorar.

Um dia, Baltazar acorda mudo, mas continua a ouvir. Emudeceu no dia em que ouviu o pai dizer mal do regime. Apercebendo-se da presença de Baltazar, pediu ao filho que se calasse e nunca contasse a ninguém o que acabara de ouvir. No país do passeio dos tristes, os homens choravam pelos poros, já que não podiam chorar pelos olhos. Era por isso que Baltazar engolia em seco e fechava os olhos com força “para as lágrimas não lhe saltarem à falsa fé” (Guimarães, 2022). Era o país das pessoas culpadas e envergonhadas, onde as alegrias eram poucas e mal vistas, onde Baltazar pouco saía à rua, para não ser chamado ‘coitadinho’ no lugar do seu nome. Era o país onde as pessoas se aglomeravam para ver as feiras de horrores e os encantadores de serpentes. *Dura dita dura* conduz-nos a uma viagem no tempo, onde as marionetas surgem como matérias poéticas resistentes, capazes de testemunhar o obscurantismo, a censura, a glorificação da pobreza e a atmosfera sombria de um país silenciado.

# POLAROID

**CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO:** Paulo Duarte

**TEXTO E DRAMATURGIA:** Caroline Masini

**COLABORAÇÃO ARTÍSTICA MULTIMÉDIA:** Thaïs Cellura

**UNIVERSO SONORO:** Morgan Daguene **DESENHO DE LUZ:** Fabien Bossard

**DIREÇÃO TÉCNICA:** Yann Paulin

**VÍDEOS DE EXPERIMENTAÇÃO:** Aurélie Bonamy, Hugo Germser

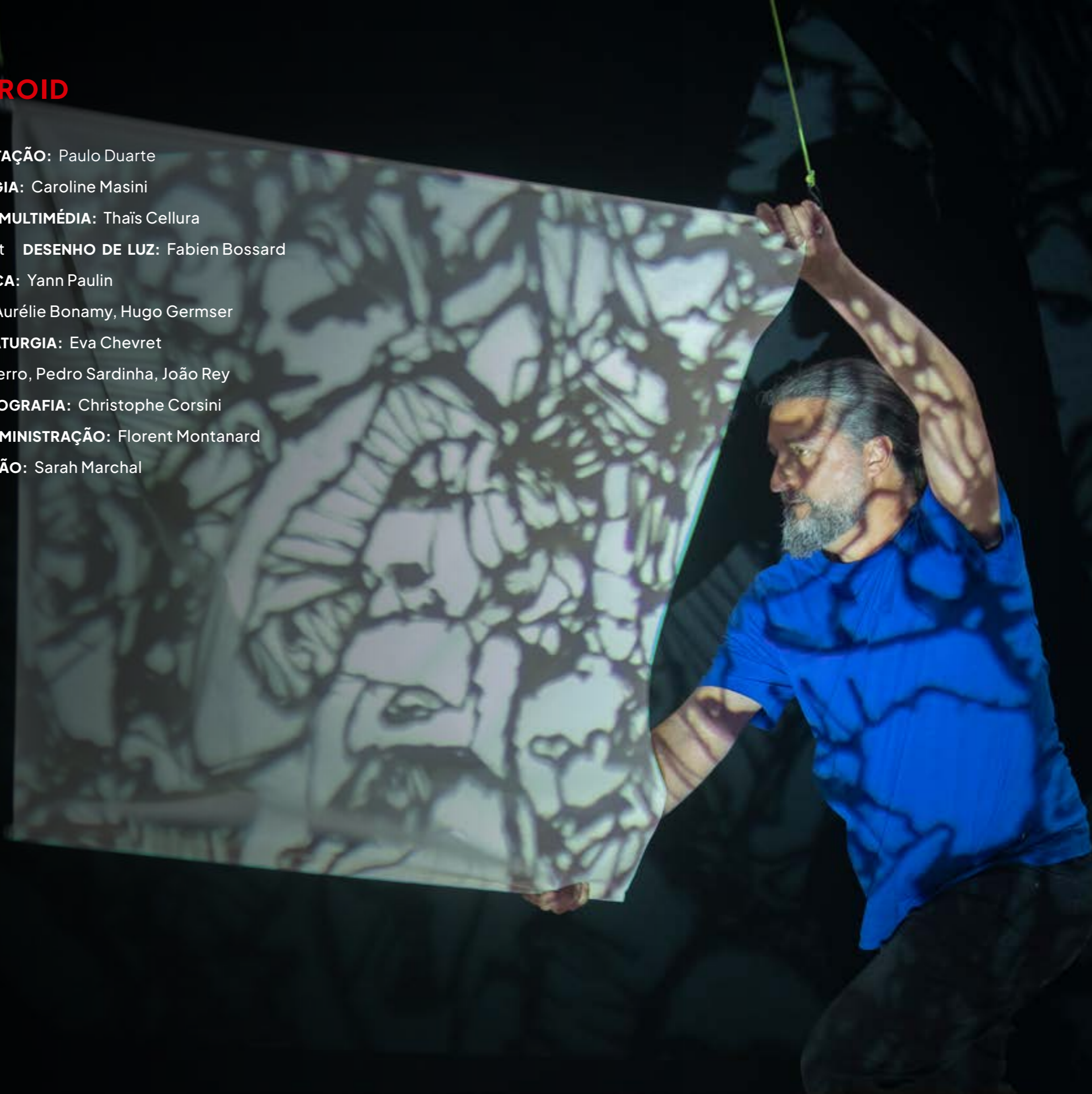
**ASSISTENTE DE DRAMATURGIA:** Eva Chevret

**FOTOGRAFIAS:** Denise Oliver Fierro, Pedro Sardinha, João Rey

**CONSULTOR TÉCNICO DE CENOGRAFIA:** Christophe Corsini

**SOLDADURA:** Sylvain Esposito **ADMINISTRAÇÃO:** Florent Montanard

**PRODUÇÃO E DIFUSÃO:** Sarah Marchal





## EXÍLIOS E LUGARES DE MEMÓRIA

*Los científicos teorizan sobre el poder de la poesía para restituir la vida a la materia inerte y los nuevos prometeos reniegan de su destino.*

*Todo es una gran cicatriz.*

Miren Agur Meabe

A última criação da companhia Mecanika propôs uma reconstrução de memórias a partir de fragmentos de um álbum de família tecidos como uma manta de retalhos. Paulo Duarte escolheu o nome do espetáculo num dia em que ouvia um programa de rádio, com a leitura de um texto de Marie Richeux intitulado “Polaroid”. 2021 marcava os seus 50 anos, data em que o seu pai teria 100. Nessa sinergia de datas, a memória do exílio do seu pai costurou-se com o presente da sua emigração. Recordar através dos instantes cristalizados nas *polaroids* de família foi um dos caminhos escolhidos para visitar lugares de memória; modos de reincarnar exílios e travessias.

Através de uma diversidade de marionetas e dispositivos (teatro de sombras, vídeo, música ao vivo, marionetas de fios, projeções, manipulação de ecrãs e efeitos de luz), *Polaroid* desfia uma narrativa onde os materiais cénicos se contrastam e completam para tornar visíveis várias perspetivas da mesma história, assim como histórias alheias e coletivas que se cruzam. Ativando zonas de tensão entre as memórias vividas e ficcionadas, o espetáculo põe o foco na vulnerabilidade da memória para questionar o que não é visível, o modo como as ausências e as camadas de ficção ocupam a perceção do passado; reconstruir a memória para questionar as identidades. Facilmente a narrativa de uma experiência individual vai ecoar num espaço de memória coletiva. Os lugares de memória narrados, não necessariamente experienciados, ativam zonas de reconhecimento percecionadas

nos corpos e imaginários coletivos, como as imagens que evocam a multidão na rua no 1.º de Maio de 1974, a queda das letras na mudança de nome da Ponte 25 de Abril ou os traços de pó e gordura que permaneciam nas paredes quando os quadros com a fotografia de Salazar eram retirados das paredes das escolas.

A partir de diferentes fragmentos do álbum de família, é tecida uma reescrita poética movida pelos espaços incompletos, pelos lugares esquecidos; como o apelo do exílio do seu pai e o peso de quem viveu metade da sua vida em ditadura. Várias camadas temporais são sobrepostas intencionalmente: as imagens, as fotografias e a caligrafia que data os lugares testemunham a experiência vivida mas também as lacunas, aquilo que nada indica e que se quer dar a ver.

+++

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED, Husam (2022), *War maker* brochure. Consultado a: 03/08/2024, disponível em: <https://dafatheater.com/war-maker>.

BORGES, Jorge Luís (2021), *O Aleph*, Lisboa, Quetzal.

DUFOURMANTELLE, Anne (2024), *L'intelligence du rêve*, Paris, Payot et Rivages.

GUIMARÃES, Regina (2022), *Dura dita dura*, Porto, Flan de Tal.

HOOKS, bell (2024), *Comunhão*, São Paulo, Editora Elefante.

